

Querido leitor,

Não é fácil gerir emoções e sentimentos.
A Tanisol opta por comer os dela. Já o Alex
isola-os do mundo.

O Alex e a Tanisol são duas almas sofredoras
e carregadas de culpa, e o que realmente
precisam é de alguém que os ouça e
compreenda.

Sei que vai haver alguns que os vão
amar, outros odiar, mas eles são só
humanos que fazem o que podem, na
sua jornada, em busca daquilo que
todos nós procuramos, a felicidade.

Boas leituras.

Vera Rodrigues

laços de culpa
vera rodrigues

SE FOSSE HÁ ALGUNS ANOS, TALVEZ TE DEDICASSE
UM POEMA, MAS ACHO QUE JÁ NÃO É PRECISO.
TU SABES QUE É PARA TI.

**A CULPA É O COMBUSTÍVEL QUE ATIÇA A PODRIDÃO DA ALMA;
COMBATE-A, E SERÁS CAPAZ DE TE AMAR.**

PRÓLOGO

HÁ 3 MESES

MARISOL

Dizem que o fogo purifica, mas não é o que sinto ao olhar para o meu quarto em chamas. As labaredas são rápidas e impiedosas, consomem tudo ao meu redor. O tapete é engolido por um laranja escaldante e sequioso por mais, e num rápido bater de pestanas parece haver aqui um bonequinho do *pac man* que devora também a roupa que usei ontem, e deixei pousada na cadeira, no canto do quarto.

Este quarto sempre foi o meu santuário, o meu porto seguro, mas agora encurrala-me e asfixia-me a cada lufada de ar que inspiro. Paira sobre mim uma nuvem negra de fumo. Tusso convulsivamente, numa tentativa de dar lugar ao oxigénio, mas o fumo já leva uma grande vantagem. A minha garganta está cada vez mais apertada e constricta.

Deito-me no chão, não por instinto mas porque me recordo de ter ouvido um bombeiro dizer isso num simulacro na escola, quando era miúda. Não me consigo lembrar da explicação dada, mas está a funcionar e isso é o que interessa. Aqui, junto ao chão, já não é tão difícil respirar e até consigo ter alguma visibilidade. Puxo a *T-shirt* até à boca para tentar filtrar algum ar. Uso os cotovelos para rastejar. Não posso ficar aqui. Prefiro morrer a tentar, que ficar à espera de que a morte me apanhe.

Dentro da minha cabeça está tudo a andar ao redor, e estou enjoada. A comida do jantar está a fazer um rebuliço dentro da minha barriga. Acho que vou vomitar a qualquer momento. Contudo, não deixo que o mal-estar e a dificuldade em respirar me atrasem nesta luta pela sobrevivência.

Rastejo e suplico às chamas que não me devorem. Eu quero viver, ainda tenho tanto para fazer. Esta não pode ser a minha hora.

Os meus olhos lacrimejam e mal os consigo abrir. O fumo fere-me como agulhas. E o pior de tudo nem é o fumo sufocante que me rouba o oxigénio, mas o calor. A minha pele esturrica contra as tábuas do soalho.

Os pelos escuros e longos dos meus braços estão a encaracolar e a diminuir de tamanho, tal é a carga térmica que está aqui. Passo as mãos freneticamente sobre os braços, não quero que os pelos comecem a arder. Tenho de continuar a rastejar, não posso parar.

Acho que já saí do quarto. Não consigo ver um palmo à minha frente, não há visibilidade nenhuma. A cave parece estar já toda consumida pelas chamas. Levanto-me lentamente e tento aproximar-me da parede, para a usar como muleta, nesta caminhada em busca das escadas. O fumo é tão negro e impenetrável que se não me encostar à parede nunca irei conseguir descobrir o caminho até à saída. Sinto-me bêbeda sem ter consumido uma gota de álcool. As forças estão-me a abandonar. — Por favor, não me abandonem, preciso de um bocadinho mais. Só até chegar ao cimo das escadas. — Lenta e muito desorientada, lá percorro a parede com a mão. Sinto todo o calor que a parede emana e que trespassa a minha pele. O calor é abrasador. Uma dor ardente e excruciante atravessa a minha carne, mas não permito que a minha mão perca a parede como guia. A minha sobrevivência depende desta parede.

Estou a estorricar, a asfixiar e a cambalear, tudo em simultâneo. O meu pé bateu contra algo. Levo as mãos aos pés e sinto as escadas. Apesar de já quase não ter força para arrastar o meu esqueleto, não posso desistir agora, quando estou tão perto. A falta de ar torna cada subida de degrau numa escalada ao monte Fuji, não é que já o tenha escalado, mas presumo que o esforço seja equivalente. Degrau atrás de degrau, lá fui obrigando o meu saco de ossos a subir. Chegar lá a cima significa sobrevivência. Tenho de conseguir sair daqui. Todo este sofrimento não pode ter sido em vão. Eu mereço sobreviver. Mereço viver.

A minha mão alcançou a maçaneta da porta. Não hesitei nem por um segundo e abri-a com toda a vontade que tenho de viver. Mas algo aconteceu quando a abri. As labaredas começaram a assobiar, como que a alertar-me que não me deixariam escapar dali. Desafiei aquelas monstruosas labaredas quando abri a porta, causando uma ignição muito repentina ao deixar o oxigénio entrar. Em segundos senti uma força explosiva a expelir o meu corpo com força contra uma parede do exterior da cave. O baque foi tal que nem sei se os pulmões não me terão saído pela boca. Não me consigo mexer. O zumbido dentro dos meus ouvidos é tão ensurdecador que me confunde. Será que o som ao fundo é o das sirenes do carro dos bombeiros?

As labaredas estão a ganhar terreno e a avançar muito rapidamente para esta divisão, aqui em cima. De repente ouço um estrondo novamente, mas desta vez não é o som explosivo das labaredas do Inferno a atacarem-me, mas da ajuda a chegar.

— Está-me a ouvir? — diz uma voz masculina ao mesmo tempo que grita: — Tenho aqui uma vítima!

Sinto várias mãos a arrastarem-me dali para fora. Os corajosos bombeiros estão a salvar-me do Inferno e a minha mãe ficou presa nele.

CAPÍTULO 1

HÁ DEZASSETE ANOS

MARISOL

— **M**ãe, achas que estou sempre muito séria ou triste?
— De onde saiu essa ideia? — responde a mãe com um levantar de sobrancelha.
— Hoje na escola a professora disse-me isso... que, bem, que nem pareço uma criança. Sempre tão séria e com um olhar triste.

A mãe agarra-me pelos braços e abana-me com força.

— Que mais te perguntou ela, hã? — A voz da mãe alterou-se, era agora tão alta que senti comichão dentro dos ouvidos. — Mar, conta-me exatamente o que ela te disse.

Fechei os olhos com força. Não queria ver a cara enraivecida da mãe. Já sabia o que vinha a seguir. Pus-me de joelhos e implorei, agarrando-me à sua cintura.

— Por favor, mãe. Juro que não lhe disse nada. Por favor, não me tires o jantar.

Desde que o pai nos abandonou, tem sido sempre isto. Quando o pai estava cá a mãe não era tão rígida comigo, pelo menos frente a ele não era.

Ouçó as colegas da turma queixarem-se que não comem a comida da cantina porque não presta. Já eu como-a toda, e até como a sopa daquelas que não a querem. Pelo menos sei que essa comida é garantida, em casa há sempre motivos para a mãe me tirar a comida. Ou a tira para me castigar, ou simplesmente porque diz que estou gorda e ninguém me vai querer assim.

— Vai já para o teu quarto. Hoje não jantas. — Fez uma pausa. — Melhor dizendo, não voltas a comer enquanto não tirar essa história da professora a limpo.

As lágrimas começaram a encher os meus olhos cor de avelã. Os soluços tomaram conta de mim, e de uma forma desesperada agarrei as pernas da mãe.

— Por favor, mãezinha, não mereço ser castigada. Não é justo. — A minha voz mal se percebia por entre o soluçar.

A mãe agarra com força os meus braços escanzelados e grita-me aos ouvidos:

— Repete lá o que disseste?

Controlei o choro. Conhecia bem a mãe: se ela tivesse de repetir a pergunta, ficar sem comer seria o menor dos meus problemas.

— Não é justo — ainda mal tinha terminado a frase e os dedos da mãe já estavam a preencher a totalidade da minha bochecha. A dor foi tal que parei logo de chorar. Recompus-me. Sabia que não havia mais nada a fazer, a mãe não ia voltar atrás. Era preferível aceitar já a decisão dela; se continuasse a implorar, ela passaria das mãos ao cinto, e eu conhecia bem aquele cinto.

Levantei-me e fui para o meu novo quarto. Quando o pai ainda vivia cá, o meu quarto era no piso de cima, ao lado do dos pais. Amplo, com paredes pintadas de cor-de-rosa e com borboletas coladas na parede. O pai dizia que eu era a sua pequena borboleta. Já a mãe não partilhava da mesma opinião. Ela nunca gostou da alcunha que o pai me deu, dizia-me:

— Nunca vais sair do casulo a comer dessa maneira. Nunca viste uma borboleta gorda, pois não?

Desço as escadas da cave e dirijo-me para o meu novo quarto. Antigamente era uma pequena arrecadação, mas agora é o meu quarto. Não tem janelas. As paredes cor-de-rosa com borboletas foram substituídas por paredes bolorentas e com manchas negras da humidade. Os meus brinquedos foram todos deitados fora, existe apenas uma cama. Este quarto foi-me atribuído como forma de castigo.

Como ter o estômago colado às costas era já uma sensação tão familiar, podia até jurar que a relação que tinha com o meu estômago vazio era bem mais duradoura que as amizades que tinha. A mãe também não queria que tivesse amigas. Dizia sempre que as mulheres eram invejosas e que não precisava de amizades para nada. Apesar de não saber muito bem como fazer amigas, a Ana e a Marta eram boas companheiras. Sempre que não gostavam do lanche que os pais preparavam, pedia-o e elas davam-me sem problema algum. Acho que elas achavam que eu era muito pobre e por isso não tinha o que comer. A Marta até costumava trazer, às segundas-feiras, um pedaço de *pizza* que sobrava do jantar de domingo com a família. Ela ficava admirada ao ver-me comer aquele pedaço, mesmo assim frio, e saboreá-lo como se fosse a maior iguaria do mundo.

Como a Marta sabia o quanto eu ficava desejosa pelas segundas, acabou por contar à sua mãe, e ela começou a preparar um lanche extra para

mim. Comia-o ali na escola. A mãe não podia saber que eu comia. Se descobrisse, nem queria imaginar qual seria o castigo. Mas no dia da festa de anos do Tomás os pais dele levaram bolo e lanche para toda a turma, e como já estava cheia não comi o que a mãe da Marta tão gentilmente preparou para mim. Decidi escondê-lo na mochila. Mal cheguei a casa, fui direta para o quarto e escondi-o debaixo da cama. Porém, a mãe desconfiou que se passava algo. Ela sempre teve uma intuição muito apurada. Mal vi a expressão no rosto dela percebi que aquela atitude não ficaria impune. Achei que sentiria o peso do cinto nas costas e nas nádegas, mas não, a mãe estava séria, a observar-me. Ficámos assim durante uns segundos. A mãe era um ser impulsivo e reagia de imediato, o facto de ela não reagir só significava que algo muito mau viria a caminho. Os pelos da parte de trás da minha nuca ergueram-se, como se a tensão do olhar da mãe causasse eletricidade estática. Um medo aterrador controlava agora o meu corpo, e então a minha única saída era fugir. Corri o mais depressa que consegui em direção à porta. A minha passada era curta, porque eu era muito baixa para a minha idade, e rapidamente a minha mãe apanhou-me. Agarrou-me por um braço e arrastou-me até à casa de banho.

Não conseguia parar de chorar. Gritava incessantemente, mesmo sabendo que ninguém me ouviria. Não tínhamos vizinhos nas redondezas. A mãe pressionava o seu peso contra o meu corpo, obrigando a minha cabeça a baixar-se, e praticamente meteu-a dentro da sanita. Tentei espremer, mas a mãe tinha muita força. Só pensava: ela vai tentar afogar-me ao descarregar o autoclismo. Pensar que morreria sufocada com a água do autoclismo já é em si um cenário tenebroso, e eu ainda não imaginava o que viria a seguir. A mãe introduz os seus dedos na minha boca. Eles entraram com tanta brutalidade que nem consegui pensar na hipótese de os morder. As suas unhas arranharam-me a garganta. E, como uma convulsão, o meu estômago deitou cá para fora todo aquele lanche maravilhoso da festa de anos do Tomás. Os dedos da mãe repetiram o ritual até eu não ter mais força para vomitar.

— Nunca mais ouses comer às escondidas. Nunca serás uma borboleta — disse a mãe com ódio. — Levanta-te imediatamente, ou queres que te obrigue?

Nesse dia dormi no meu novo quarto.

CAPÍTULO 2

PRESENTE

MARISOL

Por mais que tente, não me consigo habituar a este novo quarto, tem demasiada luz. A janela é brindada pelo sol logo pela manhã. Vivi a maior parte da minha vida num quarto sem janelas, dentro de uma cave. Ainda não sei lidar com todo este sol. Mesmo que feche a persiana na totalidade, os raios são teimosos e mesmo assim conseguem penetrar pelos minúsculos espaços existentes entre as tiras da persiana. Enfio-me toda debaixo dos cobertores, preciso de reproduzir a escuridão do meu antigo quarto.

A escuridão era o meu escudo contra os horrores do piso de cima. Já não há nada, acabou, mas... tantas noites passei enroscada em mim mesma, de olhos bem fechados, desejando estar longe daquele lugar sombrio. Agora, que ele não existe mais, sinto a sua falta de uma forma tão visceral. Porquê?

Não posso deixar que estes pensamentos rebuscados tomem conta de mim. Levanto-me da cama e abro a janela com uma rapidez impiedosa, como se estivesse a retirar o penso de uma ferida. Quanto mais rápido tirar, menos sofro.

Luto contra a luz que vem lá de fora, ela fere-me os olhos, todavia continuo a abri-los, permitindo que se comecem a adaptar ao sol matutino. — Isto foi o que sempre quiseste! — Repito esta frase duas, três, quatro vezes, e irei repeti-la as vezes que forem necessárias. Acabou! Permito que os meus olhos vagueiem pela vista que a janela me dá. E assim deixo que a “saudade” da escuridão esmoreça, e permito-me ver a luz.

A pensão, onde estou hospedada desde o incêndio, é humilde na decoração interior, mas presunçosa na vista que oferece aos seus clientes. Não sei se no inverno será tão deslumbrante como é agora no início do mês de abril. Daqui da varanda vejo, no horizonte, o rio a serpentear encosta abaixo. As margens estão repletas de flores silvestres brancas, lilases e amarelas que crescem livremente. Logo abaixo da minha varanda há quatro

mesas com quatro cadeiras cada, feitas de ferro pintado de branco, com um trabalhado com motivos florais. No assento de cada cadeira há almofadas em tons de branco, lilás e amarelo, como que a combinar com a natureza circundante. Em cima de cada mesa há individuais já preparados com uma chávena, guardanapo e talheres para o pequeno-almoço. Olho para elas e decido aceitar o convite que me estão a fazer. Um bom pequeno-almoço, com panquecas e *Nutella*, é essencial para me ajudar a afastar estes pensamentos retorcidos. A comida sempre me deu um conforto de que as pessoas não são capazes. A verdade é só uma, não há muita gente na minha vida. Sou filha única, sempre tive dificuldade em fazer amigos, não tenho namorado. Achei durante muitos anos que o meu pai me tinha abandonado quando eu tinha apenas oito anos, e a minha mãe, bem, ela morreu no incêndio que consumiu a nossa casa.

O que vale agora já posso comer livremente. Não quero sequer imaginar o que a mãe faria se soubesse que vou comer *Nutella*. Benzo-me fazendo o sinal da cruz, porque se soubesse era bem capaz de se mexer na tumba.

CAPÍTULO 3

MARISOL

Desço para o pequeno-almoço, mas, tal como tenho feito nos últimos três meses, coloco a comida em três ou quatro pratos e levo tudo para o quarto. Começo por colocar quatro fatias de ananás, não pode faltar. A mãe sempre me falou da importância do ananás na dieta, ajuda a emagrecer, dizia ela. Pego também num copo de iogurte e vejo o rótulo. É magro, mas tem uma grande quantidade de açúcar. Bolas! Não tenho mais nenhuma opção, vai ter de dar. São apenas sessenta e quatro calorias. Sessenta e quatro calorias consigo gerir, certo?

Preciso de ter comida hipocalórica para depois, mas também não posso arriscar ter uma baixa de açúcar. Não hoje, que tenho uma entrevista de trabalho. Não posso continuar sem trabalhar. Estou a usar o dinheiro da conta da mãe para sobreviver. Se gastar demais a polícia pode reparar e achar que o incêndio não foi accidental. Não quero que pensem que a mãe morreu para eu ficar com o dinheiro dela. Não é que houvesse assim tanto dinheiro na conta, mas não quero chamar a atenção da polícia. Quero que isto da investigação acabe rapidamente, para poder seguir em frente.

Afasto o pensamento da polícia. E penso numa forma eficaz de gastar calorias. Hoje não vou para a cidade de autocarro. Vou a pé, a um passo acelerado. Ao caminhar um quilómetro e oitocentos gasto uma média de cento e oitenta calorias. Apesar de estar um lindo dia não está calor, o que significa que não vou ficar muito suada, e assim chego à entrevista apresentável. Tenho mesmo de conseguir este trabalho. No anúncio diz que é para cuidar de uma jovem de trinta e dois anos, acamada, com défices motores. Este trabalho é ideal para mim.

Quando a minha mãe ficou acamada, após ter tido um acidente vascular cerebral, fui capaz de cuidar dela sozinha. O AVC roubou-lhe a força, mas deu-lhe ainda muito mais mau humor. Apesar de tudo isto ganhei muito traquejo. E se consegui sobreviver aos ataques de fúria da mãe, que digam as falhas de cabelo que tenho, de ela o arrancar com força devido à frustração de estar presa àquela cama, consigo cuidar de qualquer pessoa.

Continuo a deslocar-me ao longo da mesa expositora do pequeno-almoço, pego num pão de cereais e coloco-o na torradeira. Adoro pão torrado carregado de manteiga. Mas tem de ser manteiga com sal. Gosto tanto como o seu sabor se emulsiona com o do pão quente, acho até que pão com manteiga é o casamento perfeito. Pensando melhor, um pão parece-me pouco. Coloco um segundo a torrar. Prossigo, até chegar à minha parte favorita, o expositor dos doces. Uma fatia de bolo de chocolate não podia faltar. Um pedaço de *cheesecake* de frutos vermelhos, um *croissant*, vou colocar dois, um de manteiga e um brioche, e termino de compor o prato com quatro panquecas. Dobro-as para que possa caber tudo no prato. Está na hora de levar isto ao quarto. Já tenho as mãos ocupadas com dois pratos. Mas não subo sem primeiro colocar no bolso do casaco as manteiguinhas e as *Nutellas* individuais. Pego em três manteiguinhas e em seis *Nutellas*. Preciso bem de umas seis, estas embalagens individuais trazem tão pouco desta magnífica iguaria. Já salivo só de pensar na suavidade deste creme a satisfazer o meu paladar. Em como um mero bocadinho vai dançar orgasticamente com a minha língua, e vai deixá-la louca ao ponto de a fazer perder a compostura e lançar-se numa lambidela desenfreada ao longo da faca que uso para a barrar. — Calma, só mais um pouco e já te delicias. — Sinto a excitação a crescer dentro de mim. Não vejo a hora de poder começar a comer todas estas coisas boas. A minha mente está a entrar em êxtase só de fantasiar com cada pedacinho destas delícias a entrar na minha boca. Só me quero é despachar. Preciso urgentemente de alimentar a minha alma, de lhe dar o seu combustível predileto — comida proibida.

A torradeira daqui a nada apita, e eu gosto de comer o pão bem quente, por isso tenho de andar da perna e levar isto lá para cima num ápice e descer para vir buscar mais comida. Rodo sobre os calcanhares para seguir até ao quarto quando vejo, bem atrás de mim, a Dona Matilde, a proprietária da pensão. Tento esboçar um sorriso tímido, mas já não vou a tempo de evitar que as minhas bochechas fiquem ruborizadas. Posiciono-me para que ela não olhe para os pratos que tenho nas mãos.

— Bom dia, menina, é hoje que nos brinda com a sua companhia ao pequeno-almoço?

— Hum... Bom... dia. Eu... — Sinto-me toda encabulada. Não quero que ninguém fale comigo, muito menos que me vejam comer. — Ainda não será hoje. Sou muito friorenta.

— Não me diga isso. Andei com tanto trabalho a pôr as mesas. Estão tão bonitas e hoje ninguém quer comer cá. Vou ter de arrumar tudo no sítio

novamente. Esta loiça não dá para o almoço. Caramba! Ninguém entende esta gente nova — vocifera a mulher, com ira no olhar.

— Pois... lamento muito, mas não lido bem com o frio. Desculpe!

— Oh, vá lá, vista mais um casaquinho e coma cá em baixo, até porque queremos ver se é mesmo a menina que come a comida toda que leva todos os dias para o quarto — diz a mulher por entre um sorriso falso. — Custa-me a crer que uma rapariguinha tão magra coma tanta coisa. E o estranho é que não vejo restos nenhuns no caixote do lixo.

Mal aquelas palavras foram pronunciadas, a minha cara ficou mais quente ainda. Senti o rubor tomar conta de mim, já não são só as bochechas, toda a minha cara e o pescoço são agora cor de tomate. Umhas gotas de suor começaram-se a formar na minha testa. Os pratos que segurava começam a trepidar em cima das minhas mãos trémulas. A mulher parecia estar alheia ao que o seu comentário provocou em mim, e prosseguiu com o discurso:

— O meu marido acha que a menina tem um rapaz escondido no quarto. — Arregalo os olhos com a surpresa do comentário, e suspiro de alívio. — Mas não tem ninguém lá, pois não? É que se tiver vou cobrar mais pelo quarto. — A mulher marca o seu discurso com um erguer de sobrelhas.

Vejo um casal jovem a aproximar-se, têm aspeto de serem nórdicos, pela cor do cabelo e o tom de pele. Eles são a distração perfeita para me poder esquivar desta situação. Digo à Dona Matilde:

— Acho que afinal o esforço que teve em apearaltar as mesas não será em vão. Aquele casal parece querer tomar o pequeno-almoço aqui na esplanada. Não será melhor ajudá-los?

Felizmente, a mulher desvia a atenção de mim e vai na direção do casal. Coloco a mão dentro da torradeira, e nem penso na possibilidade de me queimar. A vontade de retirar o pão e fugir dali é tal, como se estivesse a assaltar um banco, que quase tropeço nas escadas com os dois pratos cheios que carrego nas mãos. Mal entro no quarto encosto o corpo contra a porta. Estou toda suada, o medo faz isto. Preciso de garantir que esta porta me protege da curiosidade alheia. Pouso os pratos na secretária em frente à cama, e suspiro profundamente. Ufa! Estava a ver que a mulher não me ia deixar saborear toda esta comida em paz. Esta será a última vez. Ela reparou na quantidade de comida que trago, e reparou se havia algo no lixo. Meu Deus! A curiosidade das pessoas é incrível. Não posso facilitar. Amanhã já não posso trazer esta quantidade de comida. Quase fui apanhada. Ainda tenho bem fresca na minha memória a última vez que a mãe me

apanhou. Esfrego a cicatriz do cotovelo direito, como tentativa de apagar a dor daquela lembrança. Não quero pensar na vergonha que seria, se ela e o marido descobrissem o que realmente acontece.

Hoje é a última vez. Estou a falar a sério, penso enquanto barro uma quantidade absurda de manteiga no pão, e encho a boca com um pedaço de bolo de chocolate, de uma forma sequiosa, como se o mundo fosse acabar naquele momento. Ainda não acabara de mastigar totalmente o bolo e já tinha um pedaço de pão na boca novamente. *Yami!* Que delícia que é ter todo este sabor na boca. Fecho os olhos e entrego-me ao prazer.

CAPÍTULO 4

ALEX

Meto a cápsula na máquina e carrego no botão verde. Nunca foi tão fácil tirar um bom café em casa como é hoje em dia. Já não é necessário ir à rua para curar a ressaca matinal da abstinência de cafeína. A maioria das pessoas não vê o café como uma dependência, mas é isso mesmo que ele é, uma adição que me deixa a cabeça em água e o pensamento turvo, se não começar a manhã com um bom café. Há quem diga que não se consegue beber um café sem ter nada no estômago, e até há uns tempos achava o mesmo, mas hoje não. Daqui a algumas horas recebo mais uma pessoa para entrevistar para a vaga de auxiliar, e o nervosismo não deixa que mais nada passe na minha garganta a não ser este café.

Acho que ainda estou em choque, que ainda não consegui processar tudo o que aconteceu, aqui, nesta sala, à minha frente. Como é que serei capaz de contratar alguém em condições para tomar conta da minha irmã? Se eu nunca fui responsável, sempre foi a Luísa que tratou de tudo, e agora só resto eu.

Ainda tenho bem fresca na minha mente aquela discussão acesa. Nunca levo nada a sério, e também não estava a ouvir a Luísa, apesar de estar histérica e aos berros comigo.

— Acabou, percebes?

— O quê?!

— Não te dou nem mais um tostão, ouviste bem, Alex? Nem mais um tostão... — Se o olhar matasse, teria morrido ali.

— Porque não te acalmas primeiro? Depois conversamos sem berros, como gente civilizada. Os vizinhos, ao ouvirem esta peixeirada, nem vão acreditar que é daqui. O nosso estatuto social não nos permite falar desta forma.

— Tu tens mesmo lata. Nosso estatuto? Vives aqui de favor, às minhas custas, não fazes nada da vida, a não ser esbanjar o meu dinheiro, e vens-me falar do nosso estatuto social? — Ela para de gritar comigo por

uns segundos, esfrega a cabeça e depois prossegue: — És um encostado, é o que és.

Aquela conversa estava-me a deixar os nervos em franja.

— Tu sabes bem porque não consigo trabalho. Nenhum dos que tive estava à minha altura. Só me queriam explorar. Tu sabes que sempre quis fazer parte da equipa de gestão da Petroave.

A Petroave é uma rede de postos de combustível, da qual a Luísa é dona. A empresa pertencia à sua mãe. Somos apenas irmãos por parte do pai. Quando a mãe dela, Madalena Ruivo Soares de Moura, morreu num acidente de viação, ficou tudo para a única herdeira, a Luísa.

— Não me faças rir. Não consegues gerir a tua própria vida e queres gerir a minha empresa?

— Sabes bem que se me desses uma oportunidade eu não falharia, porque é o que sempre quis. Mas tu nunca me dás uma oportunidade de dar cartas. Cortas-me logo as pernas.

— Eu não te dou uma oportunidade? — Ela esfrega os olhos e franze a testa. — Já te disse mais que uma vez: se queres trabalhar na Petroave, terás de começar por baixo, e trabalhar nos postos, e se te esforçares, quem sabe se não acabas por conseguir gerir esse posto?

— Eu sou teu irmão. O único membro da família que te resta, e fazes-me isto? Como queres que reaja? O que achas que os funcionários pensariam ao ver o teu irmão abastecer o teu *Jaguar*?

— Chega, Alex. Estou com uma dor de cabeça terrível, não quero discutir mais. Já te avisei. Cancelei o teu cartão de crédito. A fonte secou. Quando ganhares responsa...

Ela nem terminou a frase e dá um grito ensurdecedor, colocando as duas mãos a segurar a cabeça. Não consegui reagir, o meu raciocínio paralisou, mal ela frisou que cancelou o meu cartão de crédito. Como é que foi capaz?

Muito repentinamente, a minha paralisação foi quebrada com o som do corpo da Luísa a cair redondo no chão. Corro de imediato até junto dela. Estava desmaiada. Debruço-me sobre ela. Abano-a freneticamente.

— Luísa, fala comigo. Acorda! Por favor, acorda! — Não há qualquer reação da sua parte. — Oh, meu Deus, o que foi que eu fiz?

CAPÍTULO 5

MARISOL

A garganta ainda arde como se houvesse ali uma ferida, e o sabor azedo contamina o meu paladar. Esta é uma consequência daquilo que faço. Se a mãe ainda fosse viva diria que é o castigo merecido. Sei que o que faço está errado, mas a vontade, o desejo, falam mais alto. Nem o ardor ou o sabor são um impedimento.

Quando a vontade chega é tão forte que fico impotente contra aquela fome física e emocional que toma conta de mim.

Felizmente, por hoje já acabou. É a última vez. Tem mesmo de ser. Deixo que a minha mente absorva este pensamento, enquanto me levanto do chão e puxo o autoclismo.

Lavo os dentes e enquanto os esfrego vejo o meu reflexo no espelho. A minha palidez natural ainda não voltou por causa do esforço de há pouco. As bochechas vermelhas são a prova do crime. As minhas pestanas ainda estão molhadas das lágrimas que derramei como reflexo.

Bochechei com água, e o sabor fresco e mentolado da pasta ainda ficou na boca. Ainda bem, odeio o azedo da bÍlis.

Pego na roupa que escolhi, ontem à noite, para hoje. Gosto de preparar tudo no dia anterior. Escolhi umas *skinny jeans* e uma das minhas *sweaters* cinza favoritas. A que tem um estampado vermelho no peito que diz “Bom dia alegria”. Ainda ponderei levar a que diz “Vai-te a eles, leoa”, mas achei que era demasiado para uma entrevista de trabalho. Sem dúvida que o “Vai-te a eles, leoa” é o mantra para hoje, contudo guardo-o só para mim.

A mãe, se me visse com uma roupa que não realça a silhueta, tinha um enfarte. O que vale é ela já não estar cá para me criticar. Não vou a uma entrevista para trabalhar num escritório, ou em vendas. Vou como auxiliar médica num domicÍlio. Tenho de vestir roupa confortável e prática. Não são as curvas do meu corpo que serão avaliadas, mas a minha agilidade e destreza para cuidar de alguém incapacitado.

Prendo os meus caracóis negros num rabo de cavalo.

Chego o creme hidratante com cor, e olho para o interior da minha

bolsa de maquiagem. Apesar da ditadura à qual a mãe me submetia, sempre me deu maquiagem de qualidade. Aos olhos dela, quem sabe se, caso a usasse, haveria um milagre?

Aplico a máscara de pestanas. Há muitos anos, quando o pai ainda estava connosco, olhava-me ao espelho e achava-me bonita. A minha pele era imaculada, os meus olhos cor de avelã eram brilhantes, e os meus caracóis negros caíam-me pelos ombros em cascata. Era a borboleta que o pai admirava. Mas, tal como o pai se foi, a beleza também.

Agora consigo perceber porque é que a mãe dizia que nunca sairia do casulo. Não tenho nenhum traço que me distinga das demais. Sou banal e fico ridícula com esta maquiagem. Uma lágrima escorre-me pela face, e com ela um fio negro de máscara percorre-me a cara. Esfrego desenfreadamente uma toalhita desmaquilhante nos olhos, apagando com ela o borratado e o ridículo da situação.

Preparo-me para sair. Faço uma *check-list* mental do que preciso de levar comigo, e antes de sair paro em frente ao espelho de corpo inteiro que está do lado direito da porta e vejo-me de perfil. Não consigo esconder o descontentamento que sinto. Tenho vergonha da figura refletida naquele espelho. Certifico-me de que a *sweater* é suficientemente larga para esconder bem a barriga.

Isto terá de ficar para outra altura. Respiro fundo e saio para a rua.